

Holly Black

O canto mais escuro da floresta

Tradução de
XXXXXXXXXXXXX

1ª edição

— **Galera** —

RIO DE JANEIRO

2016

⇒ CAPÍTULO 1 ⇐

Ao fim de um caminho na floresta, depois de um riacho e de um tronco oco cheio de tatuzinhos-de-jardim e cupins, havia um caixão de vidro. Deitava-se sobre o chão e dentro dele dormia um menino que tinha chifres na cabeça e orelhas pontiagudas como facas.

Até onde Hazel Evans sabia, a partir do que tinha ouvido os pais contarem e do que os pais deles tinham contado a eles, o menino sempre estivera ali. E não importava o que acontecesse, ele nunca, nunca acordou.

Ele não acordou durante os longos verões em que Hazel e seu irmão, Ben, se esticaram em cima do caixão, espiando pelos vidros transparentes, embaçando-os com seu hálito, enquanto traçavam planos mirabolantes. Ele não acordou com os turistas embasbacados, nem com os caçadores de mitos que foram até lá jurar que ele não era de verdade. Ele não acordou nos fins de semana de outono, quando as meninas dançaram bem em cima dele, rodopiando ao som da música que saía de um iPod; não notou quando Leonie Wallace levantou sua cerveja bem em cima da cabeça dele, como se brindasse a toda a floresta mal-

-assombrada. Ele sequer se mexeu quando o melhor amigo de Ben, Jack Gordon, escreveu em um dos lados do caixão EM CASO DE EMERGÊNCIA, QUEBRE O VIDRO com um marcador permanente — nem quando Lloyd Lindblad pegou uma marreta e realmente tentou fazer isto. Não importava quantas festas tenham sido feitas em volta do menino de chifres — gerações de festas, tantas que a grama já cintilava por causa das décadas de cacos de vidro verdes e amarelos provenientes de garrafas quebradas; tantas festas que os arbustos já brilhavam em tons de prata e ouro e ferrugem, por causa das latinhas amassadas —, não importava o que acontecesse nestas festas: nada era capaz de acordar o menino dentro do caixão de vidro.

Quando eram pequenos, Ben e Hazel faziam coroas de flores para ele e contavam-lhe histórias sobre como fariam para resgatá-lo. Naquela época, eles pretendiam salvar todo mundo que precisava ser salvo em Fairfold. Mas quando Hazel ficou mais velha, passou a visitar o caixão quase sempre à noite, em grupo, embora ainda sentisse um aperto no peito ao ver o rosto estranho e belo do menino.

Ela não o salvara e tampouco salvara Fairfold.

— Oi, Hazel — cumprimentou Leonie, dando um passo para o lado e abrindo espaço, caso Hazel quisesse se juntar a ela em cima do caixão do menino de chifres.

Doris Alvaro também já estava em cima do caixão, ainda com o uniforme de líder de torcida usado no jogo que a escola perdera naquela noite. O rabo de cavalo castanho e brilhante chicoteava no céu. As duas estavam vermelhas por causa da bebida e da animação.

Hazel acenou para Leonie, mas não subiu no caixão, mesmo que tivesse ficado tentada. Em vez disto, abriu caminho em meio à multidão de adolescentes.

A Fairfold High era uma escola razoavelmente pequena onde, embora houvesse tribos — mesmo que algumas fossem basicamente de uma pessoa só (Megan Rojas representava toda a comunidade gótica) —, as festas tinham que ser para todos se quisessem contar com público o suficiente. No entanto, só porque se divertiam juntos não significava que

eram todos amigos. Até um mês atrás, Hazel fazia parte de uma turma de meninas que desfilava pela escola com olhos fortemente pintados de delineador e brincos brilhantes tão afiados quanto os sorrisos. Ao sugar o sangue pegajoso e lustroso de seus polegares, tinham jurado ser amigas para sempre. Hazel tinha se afastado depois que Molly Lipscomb pediu que ela beijasse seu ex e em seguida desse o fora nele, mas ficou furiosa depois que ela obedeceu.

No fim das contas, os demais amigos de Hazel eram apenas os amigos de Molly. Amigos esses que, mesmo tendo participado do plano, fingiram não ter. Fingiram que havia acontecido algo pelo qual Hazel deveria se arrepender. Queriam que ela admitisse que fizera aquilo para magoar Molly.

Hazel beijava garotos por razões variadas — porque eram bonitinhos, porque estava meio bêbada, porque estava entediada, porque eles deixavam, porque era divertido, porque eles pareciam solitários, porque isso acalmava temporariamente seus medos, porque não sabia quantos beijos ainda lhe restavam. Mas havia beijado somente um garoto que realmente pertencia a outra pessoa e, sob nenhuma circunstância, ela faria aquilo de novo.

Pelo menos ainda tinha a companhia do irmão, mesmo que no momento ele estivesse na cidade, saindo com um cara que tinha conhecido pela internet. E também tinha o melhor amigo de Ben, Jack, por mais que ele a deixasse nervosa. E Leonie.

Eram amigos suficientes. Até demais, considerando-se que Hazel provavelmente desapareceria qualquer dia desses e deixaria todos para trás.

Foi por pensar assim que ela acabou não pedindo carona até a festa daquela noite. Mesmo que isso significasse fazer o trajeto todo a pé, às margens da floresta, passando por fazendas e celeiros de tabaco e depois por dentro da floresta em si.

Era uma daquelas noites de início de outono, a fumaça de lenha se misturando com o cheiro doce e úmido das folhas caídas e fazia tudo parecer possível. Hazel vestia um suéter novo, verde, um par de brincos baratos de plástico, também verde, e, nos pés, suas botas favoritas,

marrons. Os cachos ruivos ainda tinham o brilho dourado do verão, e quando ela se olhou no espelho para passar um pouco de protetor labial colorido antes de sair, realmente achou que estava bonita.

Liz tinha ficado encarregada da playlist, transmitida do celular para os alto-falantes do seu antigo Fiat, e escolhia músicas dance tão altas que até as árvores tremiam. Martin Silver jogava sua conversa para Lourdes e Namiya ao mesmo tempo, claramente na esperança de ganhar uns beijos das melhores amigas, o que nunca aconteceria, jamais, em tempo algum. Em um semicírculo de garotas, Molly ria. Stephen, com sua camiseta manchada de tinta, estava sentado dentro da camionete, os faróis do teto acesos, bebendo de um cantil o uísque caseiro feito pelo pai do Franklin. Estava ocupado demais curtindo alguma fossa particular para se preocupar com a possibilidade de aquela bebida clandestina deixá-lo cego. Jack estava sentado com o irmão dele (bem, *mais ou menos* irmão), Carter, o quarterback, sobre um tronco próximo ao caixão. Eles riam, o que fez Hazel querer ir até lá e rir com eles se não estivesse, também, com vontade de levantar e dançar e, ao mesmo tempo, quisesse voltar correndo para casa.

— Hazel! — chamou alguém. Ao se virar, ela viu Robbie Delmonico e o sorriso congelou em seu rosto. — Não tinha visto você ainda. Está linda.

Ele soava como se estivesse chateado com o fato.

— Valeu.

Robbie *tinha* que ter percebido que ela estava evitando a presença dele. Isso fazia com que se sentisse uma péssima pessoa, mas desde que tinham ficado em uma festa, Robbie a seguia por toda parte, como se estivesse magoado, e isso era ainda pior. Ela não tinha dado um fora nele ou coisa do tipo, afinal, Robbie sequer chegou a chamá-la para sair. Ele simplesmente ficava olhando para ela com cara de triste e fazia perguntas estranhas, cheias de segundas intenções, como “o que você vai fazer depois da aula?” E quando ela respondia, “nada, vou ficar de bobeira”, ele nunca sugeria nada e sequer dava a entender que gostaria de se juntar a ela para ficar de bobeira também.

Era por beijar garotos como Robbie Delmonico que as pessoas achavam que Hazel beijaria qualquer um.

Mas na época tinha mesmo parecido ser uma boa ideia.

— Valeu — disse ela outra vez, ligeiramente mais alto, balançando a cabeça. Quando começou a virar de costas, ouviu:

— Esse suéter é novo, né? — E depois Robbie deu aquele sorriso triste, como quem diz “eu sei que sou legal por ter reparado” e, ao mesmo tempo, “eu sei que os caras legais ficam em último”.

O curioso era que ele não parecia estar especialmente interessado antes de Hazel se atirar em cima dele. Era como se, ao ter encostado os lábios nos dele — e, ok, permitido certas passadas de mão —, ela tivesse se transformado em algum tipo de deusa cruel do amor.

— É novo — respondeu, balançando de novo a cabeça. Perto dele, sentia-se mesmo tão fria quanto ele claramente a julgava. — Bem, a gente se vê.

— Aham — disse ele, deixando a palavra pairar.

E depois, no momento crítico, no momento em que ela deveria simplesmente ir embora, Hazel foi invadida pela culpa e falou a única coisa que sabia que não deveria falar, a coisa pela qual mais tarde se beliscaria mil vezes durante a noite:

— Quem sabe a gente não se esbarra mais tarde?

Os olhos dele se iluminaram com esperança e, tarde demais, ela se deu conta de como ele tinha interpretado a frase... Como uma promessa. Mas a essa altura, tudo o que podia fazer era voltar correndo para perto de Jack e Carter.

Jack — a paixão de Hazel em seus anos mais jovens e tolos — pareceu surpreso quando ela apareceu, o que era estranho, porque ele raramente se deixava pegar desprevenido. Como a mãe dele dissera um dia, Jack era capaz de ouvir o trovão antes de o relâmpago pensar em cair.

— Hazel, Hazel, menina dos olhos bonitos. Beije-a se quiser ter o coração partido — disse Carter, que sabia como agir feito um idiota.

Carter e Jack eram muito parecidos, como se fossem gêmeos. O mesmo cabelo escuro e cacheado. Os mesmos olhos cor de âmbar. A mesma

pele morena, boca sensual e maçãs do rosto bem marcadas que davam inveja em todas as meninas da cidade. Eles não eram gêmeos, no entanto. Jack era um *changeling* — o *changeling* de Carter, deixado para trás quando Carter foi roubado pelas fadas.

Fairfold era um lugar estranho. Adormecido no meio da floresta de Carling, a floresta mal-assombrada, repleto do que o avô de Hazel chamava de Verdes e a mãe de Eles Mesmos ou o Povo do Ar. Nestas matas, não era estranho ver uma lebre negra nadando no riacho — embora lebres não sejam muito de nadar — ou flagrar um veado transformando-se em uma menina correndo num piscar de olhos. Em todos os outonos, uma parte da colheita de maçãs era entregue ao caprichoso e cruel Alderking. Guirlandas de flores eram trançadas para ele a cada primavera. O povo da cidade sabia que era preciso temer o monstro escondido no coração da floresta, que seduzia turistas com seu urro parecido com um choro de mulher. Seus dedos eram feitos de galhos e seu cabelo, de limo. Ele se alimentava de tristeza e semeava a corrupção das almas. Era possível atraí-lo com uma cantiga infantil, do tipo que as meninas cantam umas para as outras quando vão fazer uma festinha do pijama. E havia também um imenso espinheiro branco dentro de um círculo de rochas, onde, na lua nova, se podia fazer um pedido amarrando um pedaço de roupa nos galhos e então aguardar um dos elementos do Povo aparecer. No ano passado, Jenny Eichmann foi até lá e pediu para ser aceita na universidade de Princeton, prometendo pagar com o que as fadas quisessem. Ela conseguiu o que queria, mas sua mãe sofreu um derrame e morreu no dia em que a carta de aceitação chegou.

Era por isso que, entre pedidos às fadas e o garoto de chifres e as aparições estranhas, embora fosse tão pequena que as crianças do jardim de infância estudassem em um prédio adjacente ao dos mais velhos, tão pequena que era preciso ir três cidades além para comprar uma máquina de lavar ou ir ao shopping, Fairfold ainda assim recebia muitos turistas. Algumas cidades tinham a maior bola de feno ou uma roda de queijo enorme ou uma cadeira capaz de acomodar um gigante. Outras, cachoeiras lindas ou cavernas cintilantes repletas de estalactites ou morcegos

que dormiam debaixo de uma ponte. Mas Fairfold tinha o menino no caixão de vidro. Fairfold tinha o Povo.

E para o Povo, os turistas eram simples presas.

Possivelmente foi assim que consideraram os pais de Carter. O pai era de outra cidade, mas a mãe estava longe de ser turista. Bastou uma noite para que ela percebesse que seu bebê havia sido roubado. E ela soube exatamente o que fazer. Mandou o marido sair de casa durante o dia e convidou um grupo de mulheres da vizinhança. Elas assaram pães e cortaram madeira e encheram de sal uma antiga tigela de cerâmica. Quando tudo ficou pronto, a mãe de Carter esquentou um atizador na lareira.

Primeiro o metal ficou vermelho, mas ela não fez nada. Só quando assumiu um brilho branco, ela pressionou a ponta do atizador contra o ombro do changeling.

Ele gritou de dor, uma nota tão alta que as duas janelas da cozinha se estilhaçaram.

O cheiro foi como quando se joga grama verde no fogo, e a pele do bebê ficou vermelha, brilhante e começou a borbulhar. A queimadura deixou uma cicatriz, também. Hazel já tinha reparado, quando ela, Jack, Ben e Carter foram nadar no verão passado. Atualmente era uma marca esticada por causa do crescimento, mas continuava ali.

Queimar um changeling invoca sua mãe. Ela chegou à porta da mãe de Carter instantes mais tarde, com um embrulho nos braços. De acordo com as histórias, a mãe do changeling era magra e alta, tinha um cabelo da cor das folhas do outono, a pele da cor das cascas das árvores e os olhos mudavam o tempo todo, de prata líquida para ouro escuro, para opacos e cinzentos como pedra. Não havia como confundir-la com um ser humano.

— Vocês não podem levar nossas crianças —, foi o que disse a mãe de Carter, ou ao menos é o que conta a história que Hazel ouviu, e ela ouviu a história várias vezes. — Vocês não podem nos assombrar, nem nos fazer mal. É assim que as coisas são por aqui há gerações, e é assim que vão continuar sendo.

A mulher fada pareceu encolher um pouco. Como se respondesse, silenciosamente entregou a criança que trouxera enrolada em cobertores. O bebê dormia tranquilamente, como se estivesse em sua própria cama.

— Fica com ele — ofereceu.

A mãe de Carter o apertou junto ao corpo, absorvendo seu cheiro de leite azedo. Ela contou que esse é o único detalhe que o Povo do Ar não consegue imitar. O outro bebê simplesmente não tinha o cheiro de Carter.

Em seguida, a mulher fada esticou os braços para receber o próprio filho que chorava, mas a vizinha que o segurava nos braços deu um passo para trás. A mãe de Carter bloqueou o caminho.

— Você não pode ficar com ele — falou a mãe de Carter. Ela entregou seu bebê à irmã e pegou punhados de limalha de ferro, frutas vermelhas e sal, uma proteção contra a magia da mulher fada. — Se você estava disposta a trocá-lo, mesmo que por uma hora, você não merece ficar com ele. Vou cuidar dos dois e criá-los como se fossem meus. Esta será sua punição por quebrar o acordo conosco.

Com isto, a elfa falou, a voz soando como vento e chuva e folhas estalando sob os pés.

— Vocês não podem nos julgar. Vocês não têm este poder, nem este direito. Devolva meu filho e eu abençoarei sua casa. Fique com ele e mais tarde virá a se arrepender.

— Que se danem as consequências e que se dane você também — gritou a mãe de Carter, de acordo com todo mundo que já contou esta história. — Saia já daqui!

E então, mesmo que algumas das vizinhas tenham resmungado que a mãe de Carter estava arrumando confusão, foi assim que Jack veio viver com a família de Carter, tornando-se seu irmão e melhor amigo de Ben. Foi assim que todo mundo se acostumou com Jack e ninguém mais se surpreendia que as orelhas dele terminassem pontudinhas ou que seus olhos ficassem prateados de vez em quando, ou que ele fosse capaz de prever o tempo melhor do que qualquer meteorologista da televisão.

— Acha que Ben está se divertindo mais do que a gente? — perguntou Jack para Hazel, forçando os pensamentos dela para longe do passado dele, da sua cicatriz e do seu rosto bonito.

Se Hazel beijava os garotos com facilidade, por outro lado Ben não tinha facilidade alguma. Ele queria se apaixonar, estava sempre disposto a entregar seu coração. Ele sempre foi desse jeito, mesmo que o preço fosse mais caro do que ela gostaria de imaginar.

Mas a verdade era que ele também não tinha muita sorte na internet.

— Eu acho que o encontro vai ser uma chatice. — Hazel tirou a lata de cerveja da mão de Jack e deu um gole. Tinha um gosto azedo. — A maioria dos caras é um saco, até os mentirosos. Principalmente os mentirosos. Não sei por que Ben insiste.

Carter deu de ombros.

— Sexo?

— Ele gosta do papo dos caras — disse Jack, abrindo um sorriso conspiratório para ela.

Hazel lambeu a espuma que tinha ficado em cima do lábio, sentindo parte do bom humor de antes retornar.

— É, pode ser.

Carter se levantou e ficou observando Megan Rojas, que acabara de chegar e enterrava no chão macio os saltos finos de suas botas com teias de aranha bordadas. Estava com o cabelo recém-pintado de roxo e trazia uma garrafa de licor de canela.

— Vou pegar mais uma cerveja. Querem alguma coisa?

— Hazel roubou a minha — disse Jack, acenando com a cabeça na direção dela. As grossas argolas de prata que ele usava cintilaram ao luar.

— Pega mais uma rodada pra gente?

— Tente não partir nenhum coração enquanto eu estiver longe, ok? — disse Carter a Hazel como se estivesse brincando, mas o tom não era totalmente amistoso.

Hazel se sentou no lugar que Carter tinha deixado vago no tronco e olhou para as meninas dançando, para as pessoas bebendo. Sentiu-se alheia a tudo aquilo, inútil e perdida. Antes havia uma busca, uma

pela qual ela estava disposta a abrir mão de tudo; mas a verdade é que algumas buscas simplesmente não se concluem apenas por abriremos mão de tudo.

— Não liga pro que ele diz — falou Jack, assim que o irmão chegou ao outro lado do caixão, longe o bastante para não escutar. — Você não fez nada de errado com o Rob. Qualquer um que oferece o coração de bandeja merece o que receber.

Hazel pensou em Ben e se perguntou se aquilo seria verdade.

— Eu sempre cometo o mesmo erro — lamentou. — Vou a uma festa e beijo um cara que na escola jamais pensaria em beijar. Caras de quem eu nem gosto de verdade. É como se aqui, na floresta, eles fossem revelar seu outro lado, secreto. Mas no fim eles são sempre os mesmos.

— São só uns beijos. — Ele sorriu para ela, contorcendo um dos cantos da boca; dentro dela, algo se contorceu em resposta. O sorriso de Jack não tinha nada a ver com o de Carter. — É só por diversão. Você não está machucando ninguém. Não é como se você estivesse esfaqueando os garotos pra conseguir isso.

Ela riu com o comentário, surpresa.

— Talvez você devesse falar isso para o Carter.

Ela não explicou que, mais do que desejar que alguma coisa acontecesse, ela desejava não ser a única a ter um verdadeiro eu para revelar.

Jack passou um braço sobre o ombro dela, flertando em tom de brincadeira. Era um gesto amistoso, engraçado.

— Ele é meu irmão, então posso te dizer com toda a certeza que é um idiota. Acho que você tem mais é que se divertir ao máximo com esse povo sem graça de Fairfold.

Hazel sorriu, balançando a cabeça, e depois se virou na direção dele. Jack parou de falar e ela percebeu como seus rostos estavam próximos.

Perto o bastante para sentir o calor do hálito dele na bochecha. Perto o bastante para reparar que os cílios dele tinham um brilho dourado sob a luz refletida e para notar o arco suave que sua boca formava.

O coração de Hazel começou a bater mais forte, como se a menina de dez anos que ela foi um dia estivesse de volta para se vingar. Sentiu-

-se tão vulnerável e tola quanto naquela época. Hazel detestava aquela sensação. Era ela quem desiludia os caras, não o contrário.

Qualquer um que oferece o coração de bandeja merece o que receber.

Só havia um jeito de esquecer um garoto. Só uma maneira funcionava.

O olhar de Jack estava ligeiramente desfocado, seus lábios, entreabertos. Parecia perfeitamente adequado matar a pouca distância, fechar os olhos e encostar a boca na dele. Carinhosa e delicadamente, Jack retribuiu pelo tempo de uma respiração.

E então se afastou, piscando.

— Hazel, eu não quis dizer que...

— Não — disse ela, ficando de pé, as bochechas pegando fogo. Ele era seu amigo, o melhor amigo do irmão dela. Ele não era qualquer um. Nunca seria ok beijar Jack, mesmo que ele também quisesse, e claramente não era o caso, o que só piorava as coisas. — Claro que não. Desculpa. Desculpa! Acabei de falar que não posso sair por aí beijando todo mundo e olha eu aqui de novo.

Ela se afastou.

— Espera! — Jack também se levantou e tentou segurar o braço de Hazel, mas ela não quis ficar ali, esperando até que ele encontrasse as palavras que facilmente a deixariam mal.

Hazel foi embora e passou por Carter com a cabeça baixa, para não ter de encarar o olhar de “eu avisei” dele. Ela se sentia burra e, pior do que isso, se sentia como se merecesse ser rejeitada. Era bem-feito para ela. Era o tipo de justiça cármica que normalmente não acontecia na vida real, ou ao menos não tão rápido.

Hazel foi direto até Franklin.

— Posso dar um gole nisso? — pediu, apontando para o cantil.

Ele olhou para ela incrédulo, os olhos injetados, mas estendeu o cantil mesmo assim.

— Você não vai gostar.

Ela não gostou mesmo. O uísque desceu queimando pela garganta, mas ela mandou mais dois goles para dentro, torcendo para esquecer

tudo o que tinha acontecido desde que chegara à festa. Torcendo para que Jack não contasse a Ben o que ela tinha feito. Torcendo para que Jack fingisse que nada tinha acontecido. Ela queria poder desfazer tudo, desfiar o tempo como um fio que se puxa de um suéter.

Do outro lado da clareira, iluminado pelos faróis do carro de Stephen, Tom Mullins, linebacker e cabeça quente em geral, subiu no caixão tão de repente que as meninas desceram. Com o rosto vermelho e o cabelo grudado de suor, parecia completamente bêbado.

— Ei — gritou ele, pulando para cima e para baixo como se quisesse quebrar o vidro. — Bom dia, flor do dia! Vamos lá, seu morto de merda, acorda!

— Para com isso — disse Martin, fazendo um gesto para que Tom descesse dali. — Não se lembra do que aconteceu com Lloyd?

Lloyd era o tipo de bad boy que botava fogo nas coisas e levava uma faca para a escola. Na hora da chamada, os professores sempre tinham que fazer um esforço para lembrar se ele estava matando aula ou se tinha sido suspenso. Certa noite, na primavera passada, Lloyd levou uma marreta até o caixão e tentou quebrar o vidro. Não teve sucesso e na primeira vez em que tentou botar fogo em alguma coisa depois disso, ele se queimou. Ainda estava no hospital, na Filadélfia, onde tinham tirado pele da bunda dele para enxertar no rosto.

Algumas pessoas disseram que o menino de chifres tinha feito aquilo com o Lloyd porque não gostava que mexessem em seu caixão. Outros disseram que, seja lá quem tinha amaldiçoado o menino, também tinha amaldiçoado o vidro. Se alguém tentasse quebrá-lo, então atrairia azar para si. Embora Tom Mullins soubesse de tudo isso, ele não parecia se importar.

Hazel sabia como ele se sentia.

— Acorda! — gritou Tom, chutando e pisando e pulando. — Ei, seu preguiçoso, tá na hora de acordaaaaaaaar!

Carter agarrou o braço dele.

— Tom, vem comigo. A gente vai virar uns shots. Você não quer perder isso, não é?

Tom pareceu ficar em dúvida.

— Vamos lá — repetiu Carter — A não ser que você já esteja bêbado demais.

— É — disse Martin, tentando soar convincente. — Ou você não aguenta mais beber?

Isto funcionou. Tom desceu cambaleando e se afastou do caixão, afirmando que podia beber mais do que os dois juntos.

— Então... — Franklin disse a Hazel. — Mais uma noite idiota em Fairfold, onde todo mundo ou é maluco, ou é elfo.

Ela deu mais um gole no cantil prateado. Já começava a se acostumar com a queimação no esôfago.

— Bem por aí.

Ele sorriu, os olhos vermelhos parecendo dançar.

— Quer ficar comigo?

Ao que parecia, ele era tão infeliz quanto Hazel. Franklin, que mal tinha falado uma palavra durante os três primeiros anos da escola fundamental e que todo mundo achava que comia bichos atropelados de vez em quando. Franklin, que não agradeceria caso ela perguntasse o que o atormentava, já que provavelmente ele tinha tanto a esquecer quanto ela.

Hazel estava um pouco tonta e não tinha nada a perder.

— Pode ser.

Enquanto se afastavam da caminhonete em direção à mata, ela deu uma olhada para trás, para a festa na clareira. Jack a observava, com uma expressão indecifrável no rosto. Ela deu as costas. Passando embaixo de um carvalho, de mãos dadas com Franklin, Hazel pensou ter visto os galhos se mexerem acima dela, como se fossem dedos. Quando olhou de novo, viu apenas sombras.